

JOGOS ANTI-COLONIALISTAS: A FIGURA DO *TRICKSTER* EM THOMAS KING E LEE MARACLE

Rubelise da Cunha
PUCRS

Os Estudos Indígenas têm cada vez mais exigido que o crítico esteja consciente das suas limitações diante da área que estuda e também têm questionado muitos dos conceitos teóricos utilizados pela academia. Em *The Turn to the Native*, no capítulo intitulado “Um garoto judeu legal entre os índios” (“A nice Jewish boy among the Indians”), Arnold Krupat expõe sua trajetória pessoal de contato e identificação com a Literatura Indígena. Ao posicionar-se enquanto Judeu Estadunidense e estudioso de Literatura Indígena Norte-Americana, Krupat já assinala que não é parte dessa cultura que analisa, trazendo à tona a problemática sobre a autoridade dos não-indígenas em falar sobre um povo tão distante de si histórica e culturalmente. Esta polêmica vem marcando o discurso dos escritos indígenas diante da teoria e da crítica literárias utilizadas para abordar sua literatura, instituindo a separação entre “eles”, escritores e estudiosos de descendência indígena, e “nós”, escritores e críticos não-indígenas que analisam a literatura produzida por essa etnia.

O constante questionamento sobre a possível re-colonização dos povos indígenas pelos intelectuais ocidentais que analisam e teorizam sobre sua literatura é o ponto de partida desta pesquisa de doutoramento que começo a desenvolver. Durante o mestrado, percebi o quanto as teorias pós-coloniais auxiliam-nos a repensar a realidade do *outro* vítima do processo colonizador. Sendo brasileira, achei pronta identificação com a posição do colonizado, e, ao analisar a literatura do escritor estadunidense Gerald Vizenor e do canadense Thomas King, pude perceber um diálogo entre as teorias de resistência pós-colonial de Homi K. Bhabha e Edward Said e a proposta de reescrita da História colonial apresentada pelos dois autores indígenas. Mais

ainda, a ambígua figura do *trickster*, que é capaz de transitar pelas culturas do branco e do nativo, parece movimentar-se no espaço do hibridismo de Bhabha, pois adquire uma característica transcultural ao ser re-inscrita dentro da zona de contato produzida pela colonização. Além disso, é a lógica dupla do hibridismo, a qual vai contra a convenção de escolhas racionais ou/ou, que aproxima a resistência pós-colonial ao *trickster*.

Foi ao olhar mais detalhadamente a Literatura Indígena Canadense Contemporânea, após o Mestrado, que ouvi a voz de autores indígenas clamando por uma nova linguagem para definir sua literatura. Também ao entrar em contato com teóricos do pós-colonial Canadense, como Diana Brydon e Helen Hoy, fui exposta à problemática que envolve a aproximação entre Literatura Indígena e Estudos Pós-Coloniais.

Como explica Diana Brydon, muitos escritores indígenas vêem o pós-colonialismo como um outro produto ocidental engajado com questões também ocidentais. Arnold Krupat, em seu livro já citado, afirma que as Literaturas Indígenas Norte-americanas Contemporâneas não podem ser classificadas entre as literaturas pós-coloniais do mundo porque ainda não há um “pós-” para o status colonial dos indígenas norte-americanos¹. Helen Hoy desenvolve essa idéia, afirmando que “a própria atenção da teoria pós-colonial à diversidade de culturas do mundo e às lutas descolonizantes pode ironicamente produzir [...] ‘uma narrativa mestra colonizante que contém toda diferença’”².

A posição desses teóricos já aponta para a necessidade de um cuidado especial ao utilizarmos a teoria pós-colonial na análise da Literatura Indígena. Mas é o posicionamento dos autores indígenas canadenses Thomas King e Lee Maracle e a presença do *trickster* em suas

¹ KRUPAT, Arnold. *The Turn to the Native: Studies in Criticism and Culture*. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1996. p. 30.

² HOY, Helen. *How should I read these?* Toronto: University of Toronto Press, 2001. p. 9. Minha tradução.

obras que me guiam nessa busca de uma linguagem para definir a resistência ao colonialismo presente na literatura indígena contemporânea, sem correr o risco de cair na armadilha da “re-colonização”. Não só o questionamento que desenvolvem sobre a utilização do termo pós-colonial, mas a posição privilegiada de trânsito pela cultura branca e indígena aproximam esses dois autores, já que ambos são mestiços, ou como preferem ser chamados, “sangues-mesclados”.

Em seu artigo “Godzilla vs. Pós-Colonial”, Thomas King parte da afirmação de que suposições são perigosas para questionar o termo pós-colonial e propor uma nova nomenclatura. Para King, o não-indígena até pode associar-se à comunidade indígena através da leitura, mas sempre será um estranho, um *outsider*. Também considera o pós-colonial um ato de imaginação e imperialismo, o qual exige que o escritor indígena se imagine enquanto algo que ele não escolheu ser, algo que ele não escolheria tornar-se³.

De acordo com o autor, o problema do termo pós-colonial é estar diretamente vinculado à chegada dos europeus na América do Norte, portanto intimamente ligado a uma noção de nacionalismo. Dessa forma, esse termo não seria capaz de designar um método descentrado e não-nacionalista. Assim, King sugere os termos tribal, interfusional, polêmica e associativa para descrever a literatura indígena norte-americana.

Totalmente de acordo com Arnold Krupat e Thomas King, Lee Maracle afirma que não houve nenhuma revolução no Canadá. Os indígenas ainda estão lutando o colonialismo clássico, então o pós-colonialismo não tem nenhum significado para eles, por isso nunca é utilizado em seu discurso. Maracle admite que a academia está diretamente relacionada ao que acontece fora dela, e portanto estaria ignorando que a história do país não foi feita de conquista, pois já é muita

³ KING, Thomas. Godzilla vs. post-colonial. In: HEBLE, Ajay; PALMATEER, Donna Pennee; STRUTHERS, J. R. (eds.). *New contexts of Canadian criticism*. Ontario: Broadview Press, 1997, p. 248.

mais antiga e começou muito antes da chegada dos colonizadores. A partir do momento em que os canadenses considerarem mais seriamente a participação dos povos indígenas na construção do país, a academia também modificará seu discurso.

Nas obras de Thomas King e Lee Maracle, a figura do *trickster*, que aparece sob as formas animais do Coiote e do Corvo, parece fazer parte dessa busca de uma linguagem própria do escritor indígena a fim de construir uma estratégia de resistência ao colonialismo. Embora Lee Maracle considere o termo *trickster* simplificador da idéia do Corvo, muitos autores indígenas vêm definindo a importância desta figura mitológica utilizando esse termo ocidental, antes de entrarem nas particularidades de cada forma em que ela se apresenta.

Thomas King afirma, na sua introdução à antologia *All My Relations*, que “o *trickster* é uma figura importante para os escritores indígenas porque permite criar um tipo particular de mundo no qual a idéia judaico-cristã de bem e mal e ordem e desordem é substituída por uma consciência mais indígena de equilíbrio e harmonia”⁴. Como o escritor indígena canadense Tomson Highway indica, o *trickster* é uma figura capaz de adaptar-se a fim de sobreviver em nosso mundo contemporâneo. Sua flexibilidade e seu poder como um criador instável são elementos importantes para conseguir a resistência ao colonialismo.

Nos contos de King e no romance *Green Grass, Running Water*, a *trickster* feminina Coiote é a forma pela qual o autor recupera a tradição oral dos nativos, pois as histórias são geralmente um encontro entre a Coiote e um narrador indígena que conta uma história para sua visitante. A Coiote de King é a *trickster* cujas ações perturbam a harmonia do mundo, mas ela as pratica a fim de “consertá-lo”. Em sua tentativa de recuperar a tradição indígena, King também inova ao

⁴ KING, Thomas (ed.). *All My Relations: An anthology of contemporary Canadian Native fiction*. Norman and London: University of Oklahoma Press, 1990. p. xiii. Minha tradução.

subverter conceitos patriarcais. Como explica Lewis Hyde, a maioria dos *tricksters* são masculinos porque as figuras canônicas operam em mitologias patriarcais. Uma das únicas figuras femininas é uma Coiote, que pode ser encontrada em grupos indígenas Pueblos, o Hopi e o Tewa. King recupera e privilegia o personagem da Coiote feminina, concedendo-lhe o mesmo perigoso poder criativo da figura masculina.

Lee Maracle também apresenta uma *trickster* feminina em suas obras: o corvo, outra forma popular deste personagem mitológico. Adaptando a figura tradicional estudada pelos antropologistas, Maracle concede ao Corvo feminino a função de provocar transformação tanto no texto quanto nos leitores. Em seu prefácio de *Sojourners and Sundogs: First Nations Fiction* (1999), a autora afirma que o Corvo direciona suas narrativas. Como a Coiote de King, o Corvo fêmea de Maracle, em *Ravensong*, seu romance de 1993, tenta consertar o mundo e ligar as culturas do indígena e do branco.

Este romance de Lee Maracle é importante para compreender-se a função do *trickster* na literatura indígena contemporânea. Passado na Costa Noroeste do Pacífico no início dos anos 50, *Ravensong* desenrola-se em uma comunidade indígena urbana devastada por uma epidemia de gripe. Stacey, uma garota de dezessete anos, equilibra-se entre os modos tradicionais de sua família e os novos valores intrusos da sociedade branca, sabendo que seu futuro depende de ambos. Enquanto isso, o Corvo prevê que outras catástrofes ocorrerão antes da reconciliação entre todos os povos. *Ravensong* fala do abismo entre as culturas do branco e do índio, um abismo o qual o Corvo sabe que precisa ser superado.

Quando afirma que o Corvo direciona suas narrativas, Lee Maracle aproxima a estratégia de resistência adotada pelo escritor indígena do próprio jogo ambíguo característico do *trickster*. Como ele, o escritor indígena contemporâneo transita entre duas culturas, jamais podendo definir-se apenas em uma ou outra, pois é impossível recuperar o momento anterior à chegada do

colonizador. O fato de muitos escritores indígenas não dominarem mais a língua nativa de sua tribo reflete essa impossibilidade de retorno. Mas é nessa tentativa de equilíbrio e mediação adotada pelo *trickster* que a literatura de King e Maracle tenta resistir o processo colonizador ainda em vigor, embora conscientes que ainda muitas catástrofes virão antes de haver um verdadeiro diálogo entre as duas culturas.

Como estudiosos de Literatura Indígena, precisamos estar conscientes das armadilhas impostas por nosso próprio discurso. Apesar de, como Diana Brydon afirma, existir um diálogo entre as questões abordadas pela Literatura Indígena Canadense Contemporânea e os Estudos Pós-Coloniais, precisamos partir em busca de novas possibilidades para a análise e a representação dessa literatura, tentando escapar às ciladas de nosso sistema lingüístico imperialista e hierarquizante. Os índios não são índios, ou melhor, o termo “índio” não é suficiente para descrevê-los, e a literatura indígena para esses povos não é Canadense ou Norte-Americana, nem as tribos são nações. O conceito de *trickster* também é ocidental, mas nem os escritores indígenas são totalmente parte daquela cultura que querem representar, pois já estão inseridos na sociedade ocidental.

Como Krupat afirma, enquanto estudiosos não-indígenas, vivemos o que Gayatri Spivak denomina a problemática pós-estruturalista de criticar um sistema o qual não podemos deixar de habitar. A análise a que me proponho da literatura de Thomas King e Lee Maracle não é uma tentativa de re-colonizar suas culturas através da academia, e sim uma leitura da resistência ao colonialismo desempenhada pelos seus textos dentro da perspectiva humanista exposta por Krupat em *The Turn to the Native*. Independente da aproximação racial, enquanto identificamo-nos com a causa e os valores indígenas, podemos fazer parte daquela “Nação *Trickster*” defendida por Gerald Vizenor em *Os herdeiros de Colombo*, onde todos que compartilham os mesmo ideais

em defesa do ser humano, não importando classe, raça ou gênero, podem unir-se para combater a cultura de morte imposta pelo colonialismo.

O escritor indígena possui a função mediadora do *trickster* ao deslocar-se pelas duas culturas. Enquanto intelectuais dedicados ao estudo da literatura indígena, também assumimos o papel de mediadores. Mas precisamos estar atentos aos jogos de linguagem tão característicos dessa figura, os quais muitas vezes colocam a comunidade tribal em perigo.